

# Comentando comentários: questões de texto, género e *corpus*<sup>1</sup>

Matilde Gonçalves\* & João Carrilho\*\*

\*NOVA FCSH- CLUNL, \*\*CLUNL

## Abstract:

Based on the process of constituting a *corpus* on the practices of commentary, the aim of this paper is to discuss and exemplify some aspects related to the collection and organization of that *corpus*. In this way, it will be evident that a linear methodology - definition of a *corpus*, research method, elaboration of the database, cataloguing of the material collected, creation of a search engine - necessary for the study of the comment is a complex task that motivates reflection both on the constitution of a *corpus* and on the characteristics of genre and text, supported by a heuristic and case-based reasoning methodology.

**Keywords:** text, genre, *corpus*, comment/commentary

**Palavras-chave:** texto, *corpus*, comentário

## 1. Introdução

Este artigo insere-se nas atividades do grupo de investigação Gramática & Texto do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, as quais visam, entre outras, descrever e compreender as práticas de linguagem relacionadas com o comentário.

A partir do processo de constituição de um *corpus* de comentários (G&T.Comenta), pretende-se, no presente artigo, discutir e exemplificar alguns aspetos relativos à recolha e à organização desse *corpus*. Deste modo, evidenciar-se-á que uma metodologia linear – definição de um *corpus*, método de pesquisa, elaboração da base de dados, catalogação do material recolhido, criação de um motor de busca – necessária para o estudo do comentário - é uma tarefa complexa que motiva uma reflexão e uma problematização quer sobre a constituição de um *corpus* (Rastier, 2011), quer sobre as características textuais e genológicas (Adam, 1999; Bronckart, 1997; Gonçalves & Jorge, 2019; Saussure, 2002). De facto, o processo de recolha evidenciou dois aspetos: 1) é necessário que se tenha uma ideia prévia relativa ao comentário para definir e constituir um *corpus* de comentários; 2) a catalogação dos comentários requer uma definição dos descritores, mas, por sua vez, esses descritores requerem um conhecimento preliminar do que é um comentário.

Assim, por forma a elucidar esse dilema, num primeiro momento, procurar-se-á traçar algumas características das práticas de comentários; num segundo momento, partir-se-á de exemplos concretos retirados do *corpus* para equacionar as inter-relações que se estabelecem entre contexto de produção/circulação dos comentários, géneros e textos; num terceiro e último momento, atentar-se-á na apresentação e discussão da catalogação e dos descritores. Estes três momentos são enquadrados pelo presente segmento introdutório e por um que visa fechar o presente artigo com algumas reflexões finais advindas do que se apresenta a seguir.

<sup>1</sup> O presente trabalho é financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa – UID/LIN/03213/2020.



## 2. Comentário: género de texto?

Considerada comum aos seres humanos, a atividade de comentar ou glosar, para além de possibilitar uma função de desambiguação e de elucidação de um enunciado (Blom, 2017), é constitutiva de toda a prática de linguagem. Em tempos remotos, o comentário pertencia a uma tradição ancorada, em particular, na literatura, na exegese dos textos bíblicos, na filosofia ou ainda na ciência (Boulègue, 2014; Goulet-Cazé (dir.), 2000); atualmente, com o advento do digital, apropriou-se das esferas de atividades vinculadas ao quotidiano, em particular, no que toca aos jornais e às redes sociais (Calabrese 2019; Teixeira, 2016), ultrapassando, portanto, as esferas de especialidade.

Outro aspeto a ter em conta na caracterização do comentário é a existência de uma grande diversidade, profusão e flutuação de noções e de etiquetas de associadas ao objeto em causa, que evidenciam características diversas agrupadas sob uma denominação comum: glosa, comentário, marginália ou escólios, no que toca a práticas mais antigas; opinião, comentário de leitor, comentário de especialista, entre outras, para as mais recentes. O exemplo que segue demonstra como a flutuação da denominação persiste até na apresentação do próprio texto:



Texto 1. Primeira página do jornal *Público* de 16 de novembro de 2014

No texto 1, consta um texto intitulado “Obrigado a remodelar” categorizado como “comentário”, mas, ao clicar no texto em questão (Texto 2), observa-se que o texto, assinado por Leonete Botelho, foi etiquetado, pela equipa editorial, como pertencendo ao género opinião, como se pode observar abaixo.





Texto 2: Texto intitulado "Obrigado a remodelar"

No tocante às funções, importa sublinhar que, embora no comentário de especialidade o propósito se concretize numa reflexividade sobre um determinado objeto textual e consequentemente reenvie a uma atividade do intelecto (Lévy, 2014), a questão da reflexividade tende a dissipar-se com o advento das redes sociais, nas quais se observa um amálgama entre comentário e diálogo (Calabrese, 2019). Neste caso, a troca e a rapidez das mensagens, assim como a presença de marcas enunciativas de pessoa tendem a deslocar o foco inicial de um texto sobre um outro texto para uma troca entre duas ou mais pessoas. Ainda nessa perspetiva, e como exemplo do que se avança, observa-se nos comentários das redes sociais um desvio da atenção do texto fonte para outros tópicos advindos da multiplicação em cascata da atividade comentadora (Paskin, 2010), promovida pelo quadro “conversacionalizante” (retomamos aqui a expressão de Paveau, 2017), oriundo da arquitetura dessas plataformas de comunicação digital.

Dentro da profusão e multiplicação das manifestações do comentário, quais serão os aspetos comuns? Pode-se certamente afirmar que todas têm em comum a existência de um segundo texto relativo a um primeiro texto ou tópico, que visa especificar ou diversificar o conteúdo do primeiro. Destarte o comentário é por essência intertextual. Outra questão a ter em conta relativamente aos aspetos comuns entre comentários prende-se com a capacidade de estes viabilizarem a regulação e a estruturação das atividades/ações humanas de ordem não verbal ou geral (Bronckart & Bulea, 2006). Ainda nesta ótica, Calabrese (2019) sublinha que o comentário nas diversas disciplinas – filológica, filosófica, religiosa, ou histórica – possui um caráter normativo. De facto, a prática do comentário procura instaurar um modo de leitura canónica, com processos semelhantes às «procédures de contrôle et de délimitation du discours» (Foucault, 1971: 23).

De acordo com o exposto, fica claro que a noção de comentário evoluiu ao longo do tempo, quer pelo contexto de uso (inicialmente mais académico e atualmente mais quotidiano e digital), quer pelo foco (outrora sobretudo em textos e recentemente em objetos semióticos de ordem diversa como textos, vídeos, fotografias).



Perante a profusão de noções e de etiquetas associadas ao comentário, manifesta-se a tendência de o classificar como um género de texto (ou de discurso), distinguindo ainda os géneros autoriais e os conversacionais:

Contrairement au commentaire ancien et médiéval (littéraire, philosophique ou religieux), que l'on peut considérer comme un genre auctorial, le commentaire sur le Web relève plutôt des genres conversationnels. Ces derniers ne sont pas « des genres étroitement liés à des lieux institutionnels, à des rôles, à des scripts relativement stables. (Maingueneau 2007 : en ligne) (Calabrese, 2019 : 18)

Ou ainda como hipergénero:

Vu les transformations du genre [commentaire] au fil du temps, on peut le considérer comme un hypergenre à la suite de Maingueneau, car « si l'on accepte l'idée que le genre de discours est un dispositif de communication sociohistoriquement défini », les grandes catégories génériques « posent problème, car elles semblent indépendantes d'une époque ou d'un lieu précis » (Maingueneau 2017 : 84). C'est d'ailleurs ce que propose Philippe Jousset dans son article, où il considère le commentaire « comme un hypergenre, autant dire un régime énonciatif aux contours relativement indéfinis (Calabrese, 2019 : 24).

As diversas classificações do comentário apresentadas por Calabrese, a partir dos trabalhos de Maingueneau, levantam várias questões. A primeira incide na distinção entre género autorial vs género dialogal, de acordo com o princípio definido por Maingueneau, segundo o qual os géneros autoriais são impostos ao destinatário pelo autor e/ou editor sem que haja negociação do quadro comunicacional e estão presentes em diversas esferas, tal como a literária, filosófica, política, jornalística, com etiquetas paratextuais genéricas “ensaio”, “meditação”, “aforismo” (Maingueneau, 2017). Partindo do princípio de que o género é uma configuração que regula quer a produção, quer a interpretação de um texto (Bronckart, 1997; Rastier, 2011), é constituído, no processo de receção e interpretação, um pacto de leitura, no qual o leitor aceita (ou não) um determinado número de convenções e constrangimentos estabelecidos no texto pelo género. Ou seja, a imposição ou a ausência de negociação é intrínseca à natureza do género. Assim, a distinção entre género autorial ou dialogal é redundante e pouco pertinente no que toca às questões genológicas.

Para discutir a questão da necessidade (ou não) de criar a categoria de hipergénero e de a aplicar ao comentário, retomemos a citação de Maingueneau na sua totalidade:

“Si l'on accepte que le genre de discours est un dispositif de communication socio-historiquement défini, on peut noter que des catégories comme « dialogue », « lettre », « journal »... posent problème, car elles semblent indépendantes d'une époque ou d'un lieu précis. À mon sens, il est préférable de les catégoriser comme des hypergenres (Maingueneau 1998b). Ces derniers imposent des contraintes très pauvres, un simple formatage. (Maingueneau, 2017 :84)

Pela citação, são observáveis uma ambivalência e uma incongruência: a primeira diz respeito à definição do género como dispositivo definido e estabilizado socio-historicamente e à caracterização de determinados objetos, tais como o diálogo, a carta, o jornal, como sendo independentes de um tempo e lugar específicos. Partindo da premissa de Maingueneau, depreende-se que esses objetos não pertencem à categoria género, tendo



em conta a sua independência socio-espço-temporal. De facto, a própria natureza e a existência de um género instituem traços definidos que permitem identificá-lo. Perante a ausência desses traços, a sua identidade deixa de existir. A segunda revela-se na comparação e no agrupamento de objetos de natureza distinta. Com efeito, se o diálogo e a carta são consensualmente considerados géneros, o jornal convoca uma outra questão não contemplada no raciocínio do autor, a saber o jornal como meio de circulação e/ou suporte, e não como género. Finalmente na argumentação de Calabrese não fica clara a natureza do comentário visto este ser definido como pertencendo simultaneamente a um género autorial e a um hipergénero.

Todavia, a linguista, no seu artigo, avança uma pista pertinente relativamente ao pensamento dos antigos sobre o comentário, pois estes consideravam-no como uma atividade: “Il faut aussi noter que pour les anciens, le commentaire relève d’une activité plus que d’un genre” (2019: 9). Assim, perante a diversidade, a profusão e a flutuação de noções e de características associadas ao género parece-nos mais judicioso equacionar o comentário como uma atividade global de linguagem, tal como definida por Bronckart e Stroumza (2002). Os textos, integrados numa atividade de linguagem, materializam a ação de linguagem, enquanto unidade psicológica e abstrata correspondendo às representações que o agente tem em relação aos contextos de ação. Deste modo, o produto resultante dessa atividade de linguagem consubstancia-se nas unidades linguísticas escolhidas para o efeito:

On peut d’abord définir l’activité langagière comme le phénomène collectif d’élaboration et de mise en circulation de textes dont la visée ultime est d’établir une entente sur ce que sont les contextes et les propriétés des activités en général ; il s’agit d’une méta-activité, que (re-)sémiotise les représentations humaines dans le cadre des possibilités offertes par une langue naturelle. On peut, ensuite définir l’action langagière comme une partie de cette activité, dont la responsabilité est imputée à un agent singulier. Comme toute action, l’action langagière présente à la fois une dimension comportementale ou physique (...) et une dimension sociale (...). (Bronckart & Stroumza, 2002: 223)

### 3. Comentário como atividade e ação de linguagem

Para evidenciar o comentário como pertencendo a uma atividade e concomitantemente como ação de linguagem, atentemos aos seguintes exemplos retirados do *corpus* do grupo de investigação Gramática e Texto:





Texto 3. Comentário retirado do Facebook<sup>2</sup>

Este exemplo, retirado da página de Facebook de Afonso Cruz, escritor, ilustrador e músico português, patenteia a circulação e presença numa rede social: para além do nome da rede social, a organização global do texto, com uma publicação (*post*) na parte superior da página e os comentários dos leitores na parte inferior da página, observa-se a presença de unidades sémio-linguísticas, tais como “gosto”, considerada como o “grau zero” do comentário (Deseilligny, 2019), “comentar” e “partilhar”, unidades que incitam a uma ação específica do leitor e que podem ser consideradas como instruacionais.

Atente-se no comentário seguinte:

<sup>2</sup> Para uma melhor legibilidade dos textos, ver anexos.







O texto 5 tem como produtor Richard Zenith, investigador, crítico e escritor. Pelo papel social do produtor depreende-se que este comentário pertence à esfera académica e visa essencialmente apresentar textos desconhecidos de F. Pessoa, tal como se pode ler no próprio texto, “A presente nota dá notícia de mais alguns textos quase “inéditos”: textos que Pessoa publicou mas cuja autoria tem passado despercebida”. No texto, observa-se a presença de uma etiqueta genológica autorrefencial “nota”, que explicita o género e que vem ao encontro das normas da revista *Colóquio e Letras*, como se pode ler no título da secção: “Notas e comentários”.

Para além da apresentação dos textos de Pessoa, esta “nota” é igualmente constituída por uma vertente mais apreciativa com um posicionamento crítico do produtor patente pela presença da 1ª pessoa do singular e do plural em “parece-me”, “podemos imaginar”, e com o recurso a expressões valorativas, como “puro sabor pessoano”. Assim, este objeto textual coincide com a definição de comentário dada pelo *TLFi*<sup>3</sup>: “examen critique du contenu et de la forme d’un texte documentaire ou littéraire, en vue d’une lecture plus pénétrante de ce texte”.

Nos exemplos apresentados, é de salientar a transformação e oscilação da noção de comentário em função das práticas e atividades quotidianas, jornalísticas, editoriais e académicas, ou ainda da evolução técnica e digital.

Pelo exposto, o carácter mutável e flutuante das práticas do comentário é incontestável, o que consequentemente influi na criação e organização do *corpus* de textos contendo a etiqueta “comentário”, como a seguir apresentamos.

#### 4. Constituição do *corpus*: catalogação e descritores

Tal como foi referido anteriormente, o projeto G&T.Comenta tem como objetivo o estudo do comentário e a sua categorização enquanto atividade de linguagem e prática textual, mediante a análise de um *corpus* criada para o efeito. De forma a concretizar o projeto foram, inicialmente, delineadas as seguintes etapas: definição de um *corpus* e do método de pesquisa, elaboração da base de dados, catalogação do material recolhido, criação de motor de busca que possibilitasse aos utilizadores, de forma prática, as pesquisas necessárias aos seus estudos.

No entanto, pelo carácter pioneiro do projeto e pela natureza do comentário, tornou-se difícil seguir a metodologia linear primeiramente definida e fomos confrontados com um dilema de causalidade, apresentados sumariamente na introdução do presente trabalho:

1- A definição de um *corpus* de comentários requer que se tenha, à partida, um conhecimento que só o resultado do estudo pode trazer. Ou seja, se pretendemos com este estudo saber o que é um comentário e o que devemos considerar comentário, como podemos definir um *corpus* para o efeito?

2- A catalogação dos comentários requer uma definição dos descritores, mas, por sua vez, esses descritores carecem de um conhecimento prévio do material a catalogar, algo que se pretende alcançar com a base de dados.

Relativamente ao primeiro ponto, optámos por fixar um parâmetro que nos permitisse a recolha dos textos que viriam a constituir o nosso *corpus*. Decidimos, então, que as ‘etiquetas’, que surgem a catalogar os textos recolhidos, seriam o nosso ponto de referência. Ou seja, embora a definição ‘comentário’, que surge frequentemente a acompanhar os mais diversos textos nas mais diversas fontes, não signifique necessariamente que estamos perante um comentário (e possam existir textos que, não estando assinalados como comentário, de facto, o sejam), pensou-se que seria uma boa forma de definir um *corpus* inicial ao qual pudéssemos,

<sup>3</sup> TLFi : Trésor de la langue Française informatisé, ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em <http://www.atilf.fr/tlfi>





posteriormente, acrescentar novos textos contendo comentários. Isto porque nos permitiria estabelecer um método de pesquisa (sabemos de forma prática o que procurar, temos um horizonte definido) e fixar um conjunto de características comuns a estes textos que nos permitissem perceber se as etiquetas correspondem de facto a um comentário. No gráfico 1, podemos ver a distribuição do nosso *corpus* pelas etiquetas:

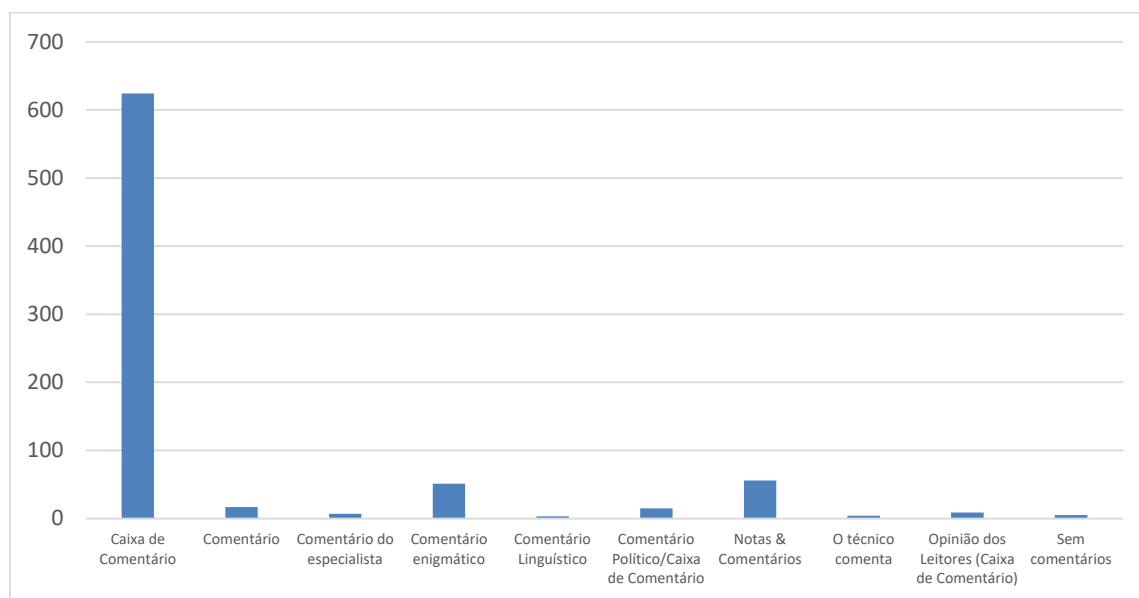


Gráfico 1: Distribuição do *Corpus* por Etiquetas

Do *corpus* constam 791 textos guardados em formato PDF e numerados de forma a que seja possível aceder-lhes pelo número que também constará da base de dados. Os comentários realizados em caixas de diálogo foram anonimizados e os ficheiros foram selados. Findo este processo, passou-se ao segundo ponto: o estudo do *corpus* com o objetivo de perceber que descritores devem constar da base de dados, permitindo as pesquisas necessárias e a realização de um motor de busca. Surgem então dois tipos de descritores:

- 1- Descritores essenciais à catalogação dos textos, isto é, que nos permitam apresentar cada elemento do *corpus* como peça única e bem definida consoante as suas características. É este o caso de Suporte, Meio de Circulação, Data, Autor, Título, Tipo de Comentário. Embora não tenhamos sempre toda a informação, é a associação dos vários descritores, que nos permite compreender de que texto se trata.
- 2- Descritores que, embora não sejam essenciais à identificação dos textos, são de extrema utilidade no que diz respeito aos estudos a realizar. É o caso de Etiqueta, Tema e Atividade.

Ainda que o título dos descritores seja bastante intuitivo relativamente ao seu conteúdo, torna-se essencial explicar a que nos referimos com Tipo de Comentário. Repare-se que não estamos a catalogar comentários, mas textos que contêm comentários, pois um texto pode conter diversos comentários e um comentário pode surgir em mais do que um texto. Uma Caixa de Comentários pode conter centenas de comentários, o que torna impraticável a catalogação de cada um. Nestes casos, a Data, Título e Autor referem-se ao texto comentado e



não ao comentário. Por esta razão, da base de dados constam duas Datas (Comentário/Texto Comentado), dois Autores (Comentário/Texto Comentado) e dois Títulos (Comentário/Texto Comentado). É precisamente o descritor Tipo de Comentário que nos permite distinguir se estamos perante um texto catalogado por Comentário ou Texto Comentado.

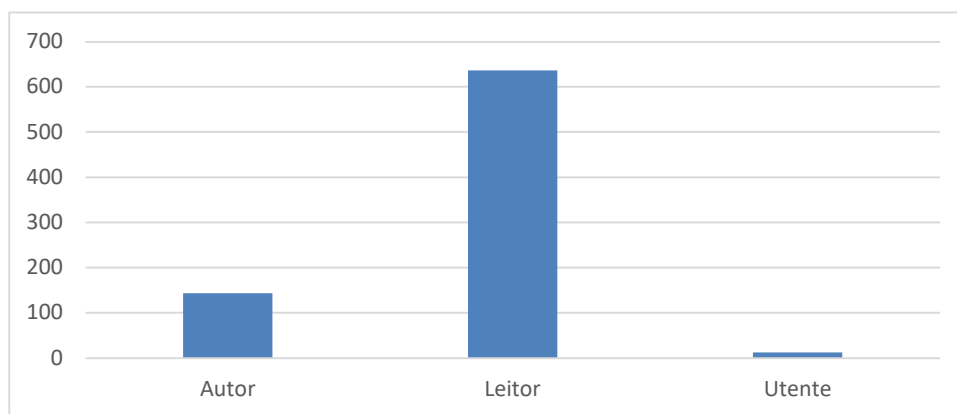


Gráfico 2: Distribuição do *Corpus* por Tipo de Comentário

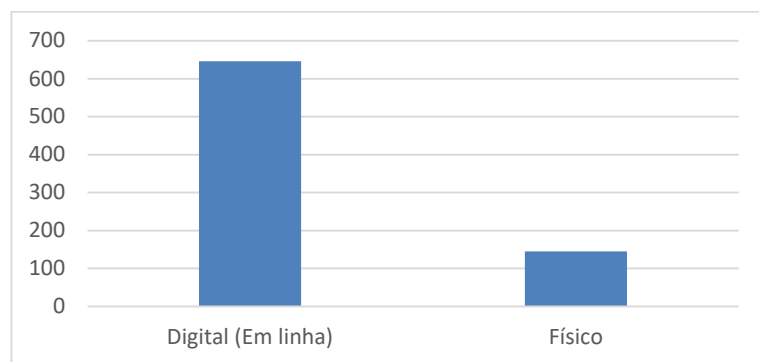
Como podemos ver no Gráfico 2, temos três tipos de comentário. Os comentários de Leitor são os comentários efetuados em caixas de diálogo e, portanto, são catalogados por Data, Autor e Título do Texto Comentado. Os comentários de Utente são semelhantes aos comentários de Leitor, mas referem-se a sítios que apresentam um determinado produto (por exemplo site de alojamento ou vendas), referindo-se os comentários a um produto e não necessariamente a um texto presente no site. Os comentários de Autor são realizados por uma determinada personalidade (por exemplo um artigo num jornal ou numa revista) e, por isso, são catalogados por Data, Autor e Título do Comentário.

A base de dados está construída de forma a permitir análises numéricas e gráficas, que nos remetem de imediato para duas formas de expansão: Equalização e Amplificação.

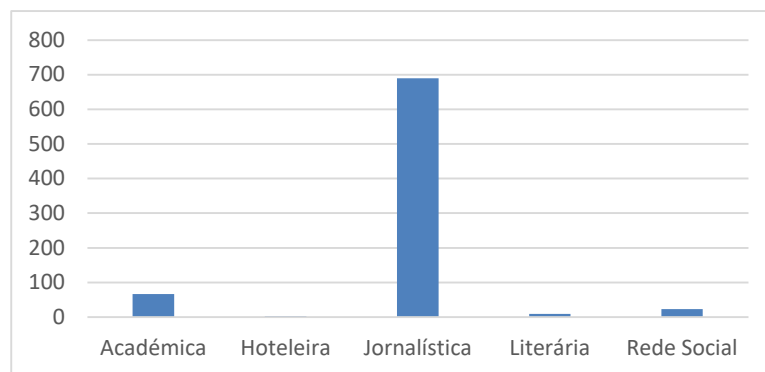
-Equalização – existe um desnível enorme em alguns descritores. Por exemplo: o número de entradas em Suporte digital é superior ao físico; a Atividade jornalística é muito superior a todas as outras. Assim, justificar-se-ia o alargamento do *corpus*, para conseguir uma análise comparada mais viável.

Atente-se no seguinte gráfico:



Gráfico 3: Distribuição do *Corpus* por Suporte

Atente-se no seguinte gráfico:

Gráfico 4: Distribuição do *Corpus* por Atividade

-Amplificação – Por exemplo: a análise da divulgação feita por particulares em rede social, ainda que esteja em reduzido número na base de dados, deixa antever uma complexidade enorme no que diz respeito à catalogação. Portanto, justifica-se focar este subgrupo do *corpus* e alargar o número de descritores, o que nos permitirá um grau de especificidade muito maior.

Está a ser construída a plataforma que nos permitirá disponibilizar, em linha, o *corpus*. Para além dos ficheiros PDF, os utilizadores terão também acesso a toda a informação inserida durante o processo de catalogação. A recolha dos textos em PDF deve-se à necessidade de manter a configuração original do texto, de forma a preservar a sua natureza empírica e complexa (Coutinho, 2017). Assim ao analisar o texto são tidos em conta, para além das unidades linguísticas, a presença de unidades não verbais, os fatores estruturais (plano de texto) e os fatores contextuais. Está, igualmente, em processo a conversão do formato PDF para TXT para pesquisas mais específicas, bem como a anexação destes ficheiros na plataforma digital.



## 5. Reflexões finais

Mais do que apresentar um produto acabado, constituiu objetivo do presente artigo evidenciar o percurso seguido na constituição do *corpus* e da base de dados do comentário, convocando a diversidade, a flutuação e a indeterminação em torno das diversas práticas do comentário, bem como as decisões tomadas relativamente à catalogação e aos descritores e à sua organização.

De acordo com as propriedades textuais, contextuais e genológicas do objeto de estudo, da ordem da indicação e da sugestão e não necessariamente formais e sistemáticas, esse percurso assumiu contornos metodológicos heurísticos e não lineares (Marcushi, 2004/2009; Coutinho, 2017), semelhantes ao pensamento por caso (*Case-based reasoning* ou *pensée par cas*). De facto, a complexidade intrínseca do(s) texto(s) enquanto objetos de comunicação, e não redutíveis à vertente linguística que os compõe (Coutinho, 2017), apela à adoção de uma metodologia que possibilite descrever e compreender o(s) comentário(s). Durante o processo de constituição do *corpus* fomos confrontados com casos textuais que desafiavam a tomada de decisão relativamente aos descritores a adotar e à catalogação dos textos. Assim, o nosso trabalho pautou-se pelo método do pensamento por caso, referido anteriormente, que pode sumariamente ser definido como segue:

Description de cas (...) En ce sens, un cas n'est pas seulement un fait exceptionnel et dont on se contenterait qu'il le reste: il fait problème; il appelle une solution, c'est-à-dire l'instauration d'un cadre nouveau du raisonnement (...) redéfinir avec lui une autre formulation de la normalité et de ses exceptions. (Passeron & Revel, 2005:11)

Em suma, o nosso trabalho consistiu em desvendar (algumas das) recorrências na imprevisibilidade (do sistema aberto) das práticas do comentário, com vista a conhecer e compreender as singularidades deste objeto. O percurso de descoberta e conhecimento ainda não se esgotou, precisamos de continuar a comentar os comentários.

## Referências:

- Adam, Jean-Michel (1999) *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.
- Blom, Alderik (2017) *Glossing the psalms. The emergence of the written vernaculars in western Europe from the seventh to the twelfth Centuries*. Berlin/Boston: De Gruyter.
- Bronckart, Jean-Paul (1997) *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, Jean-Paul & Stroumza, Kim (2002) Les types de discours comme traces cristallisées de l'action du langage. In Roulet, E. & Burger, M. *Les modèles du discours au défi d'un "dialogue romanesque": l'incipit de roman de R. Pinget Le Libera*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, pp. 213-263.
- Bronckart, Jean-Paul & Bulea, Ecaterina (2006) La dynamique de l'agir dans la dynamique langagière. In J.-M. Barbier & M. Durand (éds.) *Sujet, activité, environnement : approches transverses*. Paris: PUF, pp. 105-134.
- Boulègue, Laurence (ed.) (2014) *Commenter et philosopher à la Renaissance : Tradition universitaire, tradition humaniste*. Villeneuve d'Ascq : Presses universitaires du Septentrion. doi :10.4000/books.septentrion.5934
- Calabrese, Laura (2019) Le commentaire : continuités et mutations d'un outil au service de la lecture et de l'écriture. In Calabrese, L. (coord.) *Le commentaire du manuscrit à la toile. Revue de linguistique française et d'analyse du discours*. Paris : Editions L'Harmattan. ISBN : 978-2-8066-3700-0, pp. 7-28.



- Coutinho, Maria Antónia (2017) Da natureza heurística da Teoria do Texto. *Investigações* 30, 2. pp. 153-172.
- Deseilligny, Oriane (2019) La pratique du commentaire : un geste appareillé. In Calabrese, L. (coord.) *Le commentaire du manuscrit à la toile. Revue de linguistique française et d'analyse du discours*. Paris : Editions L'Harmattan, 11 (2), pp. 101-116.
- Foucault, Michel (1971) *L'ordre du discours. Leçon prononcée au Collège de France le 2 décembre 1970*. Paris: Éditions Gallimard.
- Goulet-Cazé, Marie Odile (dir.) (2000) *Le commentaire, entre tradition et innovation*. Paris : Vrin.
- Gonçalves, Matilde & Jorge, Noémia (2019) Promoção da literacia científica: balanço e perspetivas. In Caels, F., Barbeiro, L., Santos, J.V. (eds) *Discurso académico: uma área disciplinar em construção*. Coimbra/Leiria: CELGA-ILTEC, pp. 134-151.
- Lévy, Carlos (2014) Quelques remarques introductives sur la genèse du commentaire philosophique. In Boulègue, L. (ed.) *Commenter et philosopher à la Renaissance*. Paris : Presses Universitaires du Septentrion, pp. 19-27. Disponível em : <https://books.openedition.org/septentrion/5937>.
- Maingueneau, Dominique (2017) Genres de discours et web : existe-t-il des genres web ? In Barats, C. (ed.) *Manuel d'analyse du web*. Paris : Armand Colin, pp. 81-100.
- Maltais, Robert (dir.) (2010) *L'écriture journalistique sous toutes ses formes*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal.
- Marcuschi, Luiz Antônio (2004/2009) *Linguística do texto: o que é e como se faz?* Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Paskin, Danny (2010) Say what?. *Journal of International Communication*, 16:2, pp. 67-83.
- Passeron, Jean Claude & Revel, Jacques (2005) *Penser par cas*. Paris : Éditions de l'EHESS.
- Paveau, Marie Anne (2017) *L'analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Herman.
- Teixeira, Carla (2016) Questões de semiótica e de gramática em comentários jornalísticos. *Cadernos de linguagem e sociedade*, 17(1), pp. 140-161. <https://doi.org/10.26512/les.v17i1.4432>.
- Rastier, François (2011) *La Mesure et le Grain: Sémantique de corpus*. Paris: Honoré Champion.
- Saussure, Ferdinand (2002) *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.

### Outras referências

- Botelho, Leonor (2014) Obrigado a remodelar. In *Público*. 16 de novembro de 2014. <https://www.publico.pt/> Consultado a 16 de novembro de 2014.
- Cruz, Afonso (16 de janeiro de 2015). Gravação do novo disco. Facebook. [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1617874095109457&id=157](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1617874095109457&id=157) (consultado a 29 de janeiro de 2015)
- JAE (2015) Exercer a cidadania contra terceiros. In *O Mirante (Vale do Tejo)*. Publicado a 2 de abril de 2015.
- Zenith, R. (2011) Pessoa «Inédito», 1915. In *Revista Colóquio/Letras, Notas e Comentários*, n.º 176, pp. 191-193.



## Anexos:

**Afonso Cruz** partilhou o álbum de **Manuel Portugal / Fotografia**:  
**The Soaked Lamb Recordings 2015**.  
16 de janeiro de 2015 · €

Gravação do novo disco:



**Manuel Portugal / Fotografia** adicionou 34 fotos novas ao álbum: **The Soaked Lamb Recordings 2015** — com **Ponto Zurca** e 5 outras pessoas.  
13 de janeiro de 2015 · € [Gostar da Página](#)

Os The Soaked Lamb começaram a gravar o seu quarto álbum e convidaram-me para documentar as gravações em Fotografia e Video, para já aqui estão as fotos da primeira sessão. Mais para a frente conto ter um Mini-Doc sobre o que se passou nestes dias.

[Gosto](#) [Comentar](#) [Partilhar](#)

115 [Comentários principais](#)

Escreve um comentário...

**[Redacted]** Boa boa. 😊  
Gosto · Responder · 2 · 16 de janeiro de 2015 às 17:29

**[Redacted]** break a leg!  
Gosto · Responder · 1 · 16 de janeiro de 2015 às 16:38

**[Redacted]** Fico à espera do vosso regresso à Figueira da Foz para "fotografar" as novas canções.  
Gosto · Responder · 1 · 16 de janeiro de 2015 às 16:38

*Comentários retirados do Facebook*



**Comentário****Exercer a cidadania  
contra os banqueiros**

Esta crónica é um apelo aos mais esclarecidos da nossa urbe; um apelo aos homens de bom coração que gostam da sua rua e amam a sua terra e as suas gentes. Os bancos têm falta de dinheiro por causa da crise. A grande maioria das pessoas está a levantar o seu dinheiro ou a deixá-lo à ordem para qualquer imprevisto. Ainda uma azáfama danada nos altos quadros dos bancos a imporem resultados aos gerentes das agências. A ordem é clara e não tem segredos; vendam aos novos e velhos, aos mais e menos esclarecidos, os produtos que mais interessam ao banco.

Precisamos de capital, não podemos adormecer, o dinheiro é o nosso negócio, quem não souber trabalhar perde o emprego.

É mais ou menos isto que os empregados dos bancos ouvem dos seus superiores quase diariamente impondo resultados ao final do mês. Os clientes menos avisados, muitos deles com idade para serem filhos dos funcionários dos bancos, se não forem cautelosos vão continuar a investir as suas poupanças em produtos tóxicos. Quando precisarem do dinheiro ele já se evaporou nos negócios ruinosos dos banqueiros. Quando morrerem os seus herdeiros vão ficar com contas comprometidas em depósitos manhosos feitos por pessoas que precisam de garantir o seu emprego e por isso não questionam mais a

ética e as boas práticas do negócio.

Depois do BES vai ficar tudo igual. Já não há limites para quem domina o sistema. Depois do que se passou com Ricardo Salgado, que era considerado o príncipe dos banqueiros, o dono disto tudo, o maior amigo dos políticos influentes que usam cravo na lapela, só nos resta acreditar em milagres.

Entretanto voltemos aos velhos tempos e em vez de campanhas de alfabetização assumamos que é um dever de cidadania avisar os incautos sobre as intenções dos banqueiros. Devemos e temos obrigação de exercer a cidadania informando os nossos amigos, familiares e vizinhos sobre como podem defender-se dos enganos dos donos do dinheiro.

Os juros dos depósitos a prazo são ridícu-

los. Quem não sabe o mundo em que vive vai aceitar dois ou três por cento num produto sem retorno garantido. Ainda tudo a disparar pólvora seca contra o que já não tem remédio mas o sistema bancário vai continuar a tentar triturar aqueles que ainda não caíram no conto do vigário.

O coração mais negro da maldade fez com que Ricardo Salgado e o seu banco deixassem milhares de portugueses na pobreza depois de uma vida de trabalho. É justo que na nossa rua, na nossa aldeia, na nossa terra, sejamos solidários e avisemos os mais velhos e imprevistos para lidarem com os bancos avisando-os de que já não há rendimentos nas contas a prazo. Se receberem ofertas é porque lhes estão a tramar a vida. JAE

*Comentário retirado do Jornal de Leiria*





## Notas&Comentários

### PESSOA «INÉDITO», 1915

Se a arca de originais de Fernando Pessoa parece não ter fundo, também vamos sendo surpreendidos por textos publicados pelo próprio poeta mas que se tinham perdido no esquecimento ou, como veremos, no anonimato. Nas cinco décadas que se seguiram à morte do escritor, foram sendo descobertos numerosos textos dispersos que este publicara — poemas, traduções, artigos. Esses textos «dispersos» também o eram no sentido geográfico, pois incluíam um poema impresso no Brasil («O Avô e o Neto») e outro em Durban (assinado por C. R. Anon), onde o jovem também tinha publicado charadas assinadas por Tagus ou J.G.H.C. Bem mais recentemente, em 2002, o historiador Mário Matos e Lemos descobriu o artigo «Palência», assinado por Fernando Pessoa e publicado em 13 de Outubro de 1918, no jornal sidonista *O Tempo*, fundado oito dias antes. O artigo, republicado pela primeira vez em *Prosa Publicada em Vida (Obra Essencial de Fernando Pessoa, vol. III, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006)*, é uma disquisição rigorosamente lógica, muito ao gosto do escritor, que se empenhou em mostrar o absurdo da frase «A República faliu» — uma frase que, no seu entender, resumia «tudo o monarquismo» da altura<sup>1</sup>. Esta vigorosa defesa da República, num momento em que Sidónio Pais encontrava apoio entre os integralistas, é no mínimo curiosa. Não menos curioso, porque parece contradizer a posição assumida (?) pelo escritor pouco tempo antes, é o poema «À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais», publicado em 27 de Fevereiro de 1920, no efémero jornal sidonista *Ação*. O poema não saiu com o título completo — o sufixo «-Rei», então cortado, foi reinserido por Pessoa num exemplar que conservou (BNP doc. E3/135C-30v.) —, porque Geraldo Coelho de Jesus, director do jornal e amigo de Pessoa, não simpatizava com a causa monárquica.

A presente nota dá notícia de mais alguns textos quase-«inéditos»: textos que Pessoa publicou mas cuja autoria tem passado despercebida. São textos curtos, não literários, mas úteis para tentarmos perceber melhor as relações literárias e a postura política do poeta numa conturbada conjuntura da nunca tranquila República — precisamente nos tempos do *Orpheu*. O primeiro texto pode consultar-se no portal da Hemeroteca Digital de Lisboa. Trata-se de uma apresentação da revista *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco. Intitulado «Programa»



e publicado como uma separata do «número espécimen», o texto não é assinado. Pessoa, no entanto, reivindica a autoria em duas listas de publicações suas<sup>2</sup>. Justificando a necessidade e o interesse da nova revista — uma das mais elegantes a ser fundadas naqueles anos —, o autor do texto explica:

Temos gente culta — mais do que se crê; nem há entre nós a deficiência, que se julga, de espíritos qualificáveis de elegantes. Mas não formam sociedade, não se concentram. Não têm sequer uma revista que saibam que é lida pelos seus pares com interesse, e em cujo manuseamento, portanto, se saibam acompanhados por quantos consideram seus congéneres.

De aí o não terem os nossos artistas nem público nem ao menos crítica. O público e a crítica para as cousas de cultura, não os cria o mero número de gente culta num país, mas a facilidade com que, reunindo-se, conjugando-se ou pensando espontaneamente em comum, formam, não gente culta, mas propriamente *um meio culto*.

Essa grande deficiência do nosso meio, vem enfim *CONTEMPORÂNEA* supri-la.

O texto estende-se por mais sete parágrafos. O segundo parágrafo citado é de puro sabor pessoano, pois a formação de um meio culto era uma das suas grandes preocupações enquanto educador e civilizador dos seus contemporâneos.

O número espécimen de *Contemporânea* foi lançado em Abril de 1915, portanto quase em simultâneo com *Orpheu* (fins de Março). Podemos imaginar uma troca de favores, ou serviços: José Pacheco desenhou a capa do primeiro número de *Orpheu*, enquanto Pessoa redigiu o texto de apresentação da *Contemporânea*, cuja capa inaugural era, por sua vez, obra de Almada Negreiros. Tudo em família — até certo ponto. Não parece que tenha havido uma estratégia concertada de mútua afirmação, mas é certo que as duas revistas, sendo projectos muito diferentes, eram por isso mesmo complementares. *Contemporânea*, chique e sumptuosa, destinava-se a uma elite cultural e mesmo endinheirada. *Orpheu*, iconoclasta, apelava à elite intelectual, com o intuito de perturbar e mudar a mentalidade de alguns.

Enquanto *Orpheu* teve ao menos um segundo número, *Contemporânea* morreu logo após o primeiro (o tal «espécimen»), só regressando à vida em 1922, quando Pessoa se tornou um dos seus colaboradores mais assíduos. O malogro da primeira tentativa editorial de José Pacheco talvez se devesse, em parte, ao claro apoio manifestado pela revista ao general Pimenta de Castro, que governava o país sem parlamento desde finais de Janeiro e cujo governo foi derrubado em 14 de Maio.



Em 13 de Maio de 1915, véspera da queda de Pimenta de Castro, saiu o panfleto político *Eb Real!*, onde surge o conhecido texto de Pessoa intitulado «O Preconceito da Ordem». Quase todos os colaboradores da publicação se mostravam desiludidos com a ditadura pimentista, mas o alvo específico da sua revolta era o Integralismo Lusitano, que a ditadura protegia e no qual se apoiava, numa relação simbiótica. O título irónico do panfleto sugeria, aliás, que o governo militar poderia conduzir ao regresso da monarquia<sup>3</sup>. Quanto ao texto de Pessoa, afirma na sua primeira frase que a constante preocupação com a Ordem é um dos «vários preconceitos que salpicam as teses dos neo-monárquicos» e dedica-se, no resto do artigo, a destruí-lo. Não se manifesta directamente contra Pimenta de Castro (cuja governação, aliás, defenderia mais tarde); a sua diatribe visa o Integralismo, como deixa claro um «comentário» seu que figura quase no fim do panfleto: «Enquanto não incide sobre o nosso integralismo e as suas origens uma crítica mais apertada, pode o curioso ir entreteendo os seus momentos com o livro de D. Parodi *Traditionnalisme et démocratie* (Paris, Armand Colin, 1909). Ali as teses dos conservadores franceses (base, como se sabe, dos nossos integralistas) são rebatidas triunfantemente.»

Trata-se de mais um pequeno «inédito» que não o é realmente, tendo a sua autoria pessoana — atestada pela primeira das listas de projectos já referidas<sup>4</sup> — ficado oculta pelo mesmo motivo que a do «Programa» da *Contemporânea*: o texto não foi assinado. Pessoa também identificou como seu o último «comentário», e portanto a última palavra, do panfleto: «...de modo que ele acabará por implantar a Monarquia, para consolidar a República...». A frase é evidentemente irónica, mas o sentido da ironia não é tão claro. Parece-me, no entanto, que serve de epílogo a «O Preconceito da Ordem», apontando para a contradição — imputável a Pimenta de Castro e ao Presidente Manuel de Arriaga — de ceder aos integralistas e ao seu apego à ordem, na esperança (no caso de Manuel de Arriaga?), ou com a desculpa (no de Pimenta de Castro?), de assim estabilizarem a República.

Quer seja esta a interpretação correcta da frase quer não, os dois comentários parecem provar que Pessoa não era um colaborador meramente casual do panfleto. Compartilhava a ideologia que o orientava, *pelo menos naquele momento*, apesar de ter escrito, poucas semanas antes, em Abril de 1915, o texto de apresentação da revista *Contemporânea*, que contava, entre os seus colaboradores, três altos dirigentes do Integralismo Lusitano: António Sardinha, Hipólito Raposo e Vasco de Carvalho.

Richard Zenith

193

Comentário retirado da revista *Colóquio e Letras*

